

DA PRODUÇÃO AO CONSUMO: UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE A DESTERRITORIALIZAÇÃO DO TRABALHO SEXUAL

Carolina Cassoli¹
Tatiane Leal²

RESUMO

A partir do crescente debate sobre desterritorialização e plataformização do trabalho, este estudo busca compreender o cenário em que se desenvolvem pesquisas sobre o imbricamento do trabalho sexual às plataformas digitais. Com isso, este artigo toma forma através de uma revisão de literatura, que levantou as pesquisas de acesso aberto publicadas ao longo da última década (2014-2024), a fim de enfatizar os pontos mais e menos trabalhados sobre *webcamming* erótico comercial. Notou-se, ao fim, forte tendência a observações de cunho técnico e prático relacionados ao debate sobre plataformas digitais e, em última instância, evidenciou-se, também, o eventual acréscimo de uma nova camada à discussão: a governança digital.

Palavras-chave: *camming*, *camgirl*, trabalho sexual virtualizado, erotismo, revisão de literatura.

INTRODUÇÃO – PODE ME CHAMAR DE CAMMING

Este levantamento surge como etapa de uma pesquisa maior, em que me debruço sobre os processos que contribuem para a formação de subjetividade de pessoas que trabalham com *webcamming* erótico comercial (Caminhas, 2020) no Brasil, sobretudo mulheres. Não seria possível, contudo, dar continuidade ao trabalho do qual este deriva sem entender, antes, como o terreno em que ele habitará tem sido pavimentado e sob quais angulações se dá esta construção, ou seja, quais as prevalências e lacunas da pesquisa voltada ao trabalho sexual virtualizado, no Brasil.

O método adotado para esta revisão de literatura inicia-se com a procura por quatro termos específicos relacionados ao *webcamming* no Portal de Periódicos da Capes, no Google Acadêmico, na Scientific Electronic Library Online (SciELO) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Optei por buscar mais de um termo, devido à complexidade do tema, que transborda para a pesquisa e apresenta-se a partir de diferentes perspectivas no ambiente acadêmico. A contração de “*webcamming*” (“*camming*”), por exemplo, deixa de

¹ Mestranda em Comunicação e Cultura, na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, carol.cassoli@ufrj.br.

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Doutora em Comunicação e Cultura (ECO-UFRJ). Orientadora do trabalho, tatianeclc@gmail.com.

aparecer como resposta quando buscamos pelo termo oficial. Contudo, entre *camgirls*³ – profissionais da área – e a própria comunidade de usuários, é mais recorrente que o termo original.

Além disso, como a profissão é caracterizada pela informalidade e desterritorialização inerentes aos processos de plataformização da vida (Caminhas, 2024) e, conseqüentemente, do trabalho (Grohmann, 2023), acreditei ser interessante observar, também, quais as respostas dos buscadores quando acionamos o nome da principal plataforma brasileira de *webcamming*: Camera Prive. Assim, para compor esta pesquisa, foram buscadas as palavras “*webcamming*”, “*camming*”, “*camgirl*” e “Camera Prive”.

Decididos os termos-base do levantamento, listei 53 textos sobre o tema, sendo: 18 resultantes da busca por “*webcamming*” e 19 para “*camming*”, 3 para *camgirl* e 13 como resposta para Camera Prive. A intenção da pesquisa era mapear os trabalhos sobre *webcamming* produzidos na última década (2014-2024), em Língua Portuguesa, mas os resultados apontaram para textos elaborados de 2017 em diante, demonstrando o aumento do interesse pelo tema a partir desse ano. Independentemente de seu grau – Trabalho de Conclusão de Curso, artigo, dissertação ou tese –, todos foram categorizados da seguinte maneira: título, ano de produção, autoria, instituição a qual se vincula o pesquisador, tipo de texto, área/temática prevalente e palavras-chave.

Após a coleta, iniciei uma nova etapa, em que li os resumos de todos os textos categorizados, mas busquei privilegiar a leitura completa apenas dos relativos à Comunicação. Nesta fase, procurei entender quais as abordagens prevalentes nos trabalhos observados, qual referencial teórico emerge destas pesquisas e, além da Comunicação, quais áreas estão produzindo pesquisa sobre o tema. Desta forma, o presente artigo dedicou-se a mapear o estado da pesquisa sobre *webcamming* no Brasil, de modo que ficassem evidentes as temáticas prevalentes e destoantes nos estudos relacionados a prática e, também, a principal lacuna observada.

ENTENDENDO O WEBCAMMING (ERÓTICO COMERCIAL)

³ É importante enfatizar a existência de outros sujeitos no universo do *webcamming*, como *camboys* e *camtheys*. No entanto, como a maior parte das profissionais lotadas nestes sites é mulher, refiro-me, aqui, às pessoas atuantes na profissão como *camgirls*.

Para apresentar o que tem sido pesquisado com relação ao *webcamming* enquanto trabalho sexual no Brasil, convém, antes, trazer uma breve contextualização da prática, que se desenvolve num terreno profundamente desterritorializado e em meio a tensionamentos que, ora se aproximam da prostituição, ora beiram a pornografia, mas sempre se apresentam como algo diferente, suscitando novos debates éticos, socioculturais, técnicos e informacionais, e fortalecendo os antigos.

Enquanto prática social, o *webcamming* surge como o encontro de pessoas em reuniões via *webcam* para atender a objetivos distintos. Como aponta Caminhas (2020), explicar o *webcamming* com finalidade erótico-comercial é uma empreitada difícil. No entanto, o exercício começa a se desenvolver, no Brasil, no início dos anos 2000 e, atualmente, refere-se à produção e/ou circulação de conteúdos adultos sob demanda, através da mediação de plataformas digitais, que cobram taxas para realizar a ponte entre profissionais e seus respectivos clientes, e empresas processadoras de pagamento (Bleakley, 2014; Caminhas, 2020).

Tal qual a venda de revistas erótico-sensuais, fitas de vídeo e DVDs pornôis, que foram adaptações da distribuição de conteúdo adulto às suas épocas, o *webcamming* surge na esteira da adequação de conteúdos eróticos para as novas tecnologias que se desenvolvem na contemporaneidade (Bernstein, 2007). Desta forma, a profissão está diretamente ligada ao esfacelamento de relações que, no virtual, perdem força devido às complexas dimensões que envolvem a regulação de plataformas digitais, como, por exemplo, a supracitada desterritorialização das experiências sociais, o declínio dos vínculos trabalhistas – e seu consequente reconhecimento –, e os direitos e deveres dos atores envolvidos neste modelo interacional.

Portanto, conforme aponta Souza (2024, p. 93), as mídias – e, aqui, me refiro não apenas à mídia especializada, ou seja, às plataformas, mas também às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) em geral e seus desdobramentos – operam tendo papel fundamental para o desenvolvimento deste contexto, uma vez que “criam, recriam e reproduzem as práticas sexuais e os prazeres num novo espaço, satisfazendo os desejos, transformando a realidade”.

ENTRE A PLATAFORMA E A WEBCAM: OS ESTUDOS SOBRE O TEMA

A partir do levantamento realizado, percebi que há ampla produção na área de Comunicação sobre temáticas que apontam para debates mais técnicos, como plataformação do trabalho – tema que também emergiu em outras áreas e revelou um segundo debate, mais

atual, sobre governança digital –; dinâmicas de remuneração profissional; estrutura, funcionamento e organização de mercado; e, ainda, sobre a realidade enfrentada durante a pandemia de Covid-19. Por outro lado, quando pesquisado o termo específico “Camera Prive”, a centralidade das produções muda, apontando para temáticas como sociabilidade; desejo; sexualidade; consumo; construções discursivas; violência e moralidade. Muda, também, a principal área de produção, que passa a ser Ciências Sociais, conquanto a área não compreenda a totalidade das produções, que, inclusive, se espraiam para a Publicidade, no campo da Comunicação. Dois, aqui, são os métodos mais utilizados: etnografia e estudo de caso.

Chamou-me atenção, durante esta etapa da pesquisa, o aparecimento dos termos “violência” e “moralidade”. Pelo contexto de precarização em que o *webcamming* se desenvolve, esperava que estas expressões aparecessem em diversos estudos, sobretudo naqueles produzidos pelo campo da Psicologia. Entretanto, me surpreendi ao ver sua aplicação na Comunicação em produções que vão de encontro à prática e, ao contrário dos demais estudos que também elaboram sobre os problemas no universo do *webcamming* erótico comercial, indicando uma espécie de inversão discursiva, através da qual “sites eróticos ordinários” (Magossi, 2023) se apropriariam de narrativas relacionadas ao empoderamento feminino para objetificar as mulheres envolvidas em trabalhos sexuais no ciberespaço.

Em cinco dos 15 textos de Comunicação avaliados, Priscila Magossi (2023, p. 18) propõe um debate semiótico sobre a forma com que as dinâmicas do “submundo da cibercultura” desenvolvem um simulacro, em que “a proposta do contrato de prestação de serviços é a de submissão à um retrocesso histórico dos direitos sociais e civis das mulheres”.

Não obstante, os demais estudos – tanto da área de Comunicação, a qual dediquei maior empenho de leitura, quanto de áreas afins – propõem um olhar que se debruça sobre o cenário desencadeado pelo *webcamming*, suas consequências e a relação desenvolvida entre produtoras e consumidores e as próprias plataformas. Em grande parte destes textos, são comumente citados autores relacionados a métodos de pesquisa na internet, destaco aqui Fragoso; Recuero; Amaral (2011), que têm sido referência para estudos no digital. Uma vez que muitos dos trabalhos privilegiam a camada de gênero existente na prática, Butler (1990) e Prada (2018) tem predominado em textos que centralizam *camgirls*.

Além disso, como o *webcamming* está diretamente ligado a desdobramentos políticos e econômicos relacionados ao avanço e à aceleração do neoliberalismo, Dardot e Laval (2016) figuram em boa parte dos trabalhos que se propõem a olhar criticamente para o fenômeno sob esta angulação. Não deixo de mencionar, também, Rafael Grohmann (2023), que tem se fortalecido cada vez mais como referência quando o assunto é plataformação do trabalho e,

junto de Ludmilla Abílio e Henrique Amorim (2021), publicou um artigo basilar para a compreensão do fenômeno no Brasil. Nessa toada, vale ressaltar, a ênfase dada pela já mencionada Lorena Caminhas (2020; 2024) ao sulco do trabalho sexual na discussão sobre plataforma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – UM TRABALHO TÉCNICO E PRÁTICO

Tendo em vista o contexto apresentado, noto, nesta revisão de literatura, dois critérios que prevalecem para a escolha da prática como objeto de pesquisa. A primeira delas é o desenvolvimento recente da profissão, que, junto com as TICs, tem passado por intensas mudanças de caráter técnico, mas também dinâmico na última década e, em decorrência da pandemia de Covid-19, especialmente nos últimos quatro anos. Observo, também, os tensionamentos diversos que envolvem a prática e geram inquietações das mais distintas qualidades nos pesquisadores.

Ao concluir esta revisão de literatura, percebo que os estudos voltados ao *webcamming* tem se direcionado, de fato, à compreensão de como o mercado tem se reestruturado em função das mudanças tecnológicas, dando grande atenção ao funcionamento das plataformas em que estão lotadas as *camgirls*, e se debruçando, também, sobre o caminho que o mercado do sexo traçou “das calçadas para as telas”, como disse Isabel Navarro (2022). Constato, portanto, uma lacuna relacionada à observação das formações subjetivas dos sujeitos envolvidos na prática, a partir de uma perspectiva que integre atores e contextos intra e extra-plataformas.

Por fim, durante a busca, atinei para alguns termos com os quais ainda não havia tido contato ou para os quais ainda não havia me atentado, ignorando seu potencial agregador. Tomei nota de alguns, que podem contribuir na procura por bibliografias que me ajudem a traçar uma genealogia da profissão, a partir da sexualidade: *altporn*; sexo virtual; *cybervoyerismo*; pós-pornografia.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, L. C.; AMORIM, H.; GROHMANN, R. Uberização e plataformação do trabalho no Brasil: conceitos, processos e formas. **Sociologias**, v. 23, n. 57, p. 26–56, 2021.

BERNSTEIN, E. Temporarily yours: intimacy, authenticity and commerce of sex. **The University of Chicago Press**. Chicago, 2007.

BLEAKLEY, P. “500 tokens to go private”: Camgirls, cybersex and feminist entrepreneurship. In: **Sexuality & Culture**, v.8, n.4, 2014, p. 892-910.

BUTLER, J. **Gender trouble: Feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

CAMINHAS, L. **Webcamming erótico comercial no contexto brasileiro: organização, estruturação e dinâmicas internas**. Tese de Doutorado. 2020.

CAMINHAS, L. **Precarity revisited: Exploring camming work in Brazil and experiences of precarity in platform-based (erotic) content production**. *International Journal of Cultural Studies*, 2024.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL, A (orgs.). **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

GROHMANN, R. Mediatization and Platform Labour: Blind Spots and Connections. In: **Contemporary challenges in mediatization research**. Routledge, 2023. p. 148-160.

MAGOSSI, P. A violência do submundo da cibercultura e o simulacro publicitário. **Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, v. 16, n. 2, 2024.

NAVARRO, I. **Das calçadas para as telas: a penetração do mercado do sexo nas mídias digitais**. Trabalho de Conclusão de Curso. 2022.

PRADA, M. **Putafeminista**. São Paulo: Editora Veneta, 2018

SOUZA, L. **“Bora gravar?!”: análise crítica das tendências do trabalho sexual por, entre e para homens em plataformas digitais**. Dissertação de Mestrado. 2024.